

## Psicanalisar hoje – algumas reflexões

Leonardo A. Francischelli<sup>1</sup>

**Resumo:** O autor procura, em seis pequenos capítulos, desenhar uma visão pessoal sobre o ato de psicanalisar nos dias atuais. Parte de alguns conceitos básicos de Freud, como “abstinência” e também a “metáfora do cirurgião”, nos quais não é a neutralidade que se encontra em jogo, mas a arte de curar. Além desses conceitos fundacionais da psicanálise, o trabalho destaca dois momentos da construção teórica de Freud, em que o papel da ausência do objeto ocupa um lugar fundamental no desenvolvimento do aparelho psíquico do homem. Refere-se à “experiência de satisfação” e ao “jogo do carretel”, em que a não presença do objeto estimula o crescimento do imaginário e da linguagem, respectivamente. Esboça também uma construção do enquadre, destacando o papel das entrevistas, contrato e transferência como os operadores fundamentais para colocar alguém em uma viagem analítica. Em relação à transferência, apoia-se em Lacan para, justamente, discutir a excessiva presença do analista na sala de análise, gerando a chamada transferência dual, ou seja, o trabalho analítico somente operando no campo imaginário. O autor acredita que essa técnica bloquearia a triangulação na sessão analítica e, na concepção tanto freudiana como lacaniana, o complexo de Édipo e seu correlato, o complexo de castração, são presenças imprescindíveis à cura. Por último, expõe aquilo que se poderia chamar de uma questão dialética, entre os partidários do campo da ciência dura, representado pelas neurociências e aqueles que se opõem a esse determinismo neurobiológico. O texto encaminha para uma discussão aprofundada, toda a problemática que envolve as neurociências e a psicanálise, pois, segundo afirma o trabalho, ambas são, em alguma medida, incompatíveis, ou melhor, são como a água e o azeite: convivem, porém a mistura não acontece.

**Palavras-chave:** abstinência; regras da arte, ausência; presença enquadre; movimento; dispersão; peste.

*Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem.*

W. Benjamim (1933/1994)

*Tudo o que era sólido e estável se esfuma, tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados finalmente a encarar com serenidade suas condições de existência e suas relações recíprocas.*

K. Marx e F. Engels (1848/2003)

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre SBPDEPA

## Introdução

Sempre depois de uma apresentação de material clínico, colegas se interrogam, desde seu longo percurso pela psicanálise, sobre a técnica analítica do nosso tempo. Pois a impressão que fica é de algum desconforto importante em suas cabeças, visto que observam muita presença real do analista, portanto pouca ou nenhuma abstinência naquela vinheta que havia sido apresentada muito generosamente.

Então, essa conversa parte desses poucos elementos, e avança, com perguntas profundas, sobre se nossa técnica atual não vem sofrendo mudanças a olhos vistos, particularmente na ação do analista sobre sua atividade excessiva e sua presença marcante como pessoa real, não imaginada, na sala de análise. Defendemos como princípio, para começo de conversa, que o analista nunca é o dr. Sigmund Freud, com o cidadão tal e residente em um determinado país, e, sim, aquele senhor a quem transferimos nossas imagens infantis. Se não fosse assim, como poderia Don Quixote transformar a campesina em sua formosa e amada Dulcineia?

Se “tudo o que era sólido e estável se esfuma”, pensamento importante de trabalho de Zygmunt Bauman (2004/2005), pensamos que devemos nos questionar se também nossos clássicos conceitos psicanalíticos, sejam teóricos ou técnicos, não estão sofrendo mutações sucessivas, liquefazendo-se sorratamente.

Poder-se-á ignorar todo esse processo dos efeitos da pós-modernidade, ou, podemos perguntar-nos, como faz o sábio analista uruguaio Marcelo Viñar (2011) quando se questiona: “Em que nos muda o mundo que muda?”. Este “em que nos muda” esse universo em movimento é muito abrangente, incluindo a pessoa física. Entretanto, gostaríamos de concentrar essa questão em nossa esfera teórica e técnica, por isso não se poderia deixar de abrir uma discussão sobre as transformações específicas que se apresentam em nossa labuta clínica.

Por outro lado, “uma nova forma de miséria surgiu” (Benjamin, 1933/1994, p. 115) aponta, em nossa tentativa de compreensão do nosso tempo, um recrudescimento do narcisismo. O século XXI tem desafiado diversas esferas do saber para poder caracterizá-lo. Desde nossa perspectiva, tratamos de batizar nossa cultura atual como a “cultura do beija-flor”, em que cada qual suga o néctar do outro até secá-lo, para logo buscar uma nova parceria com o mesmo fim, e assim sucessivamente. Entretanto, esse comentário sobre nossa modernidade não deixa de ser uma tradução de nossa linguagem habitual sobre o narcisismo, visto que, em versão lacaniana, se dirá: “Uma boca que se deglute a si mesma” (Melman, 1999/2006, p. 131). Posição lacaniana tributária de Freud que diz: “Lástima que não possa beijar-me a mim mesmo” (Freud, 1905/1976b, p. 165). Já na década de 1970, Christopher Lasch lança *A cultura do narcisismo*.

Decorre disso, provavelmente, que a patologização do narcisismo tenha crescido tanto ao final do século XX. Aliás, é justamente em torno das patologias chamadas graves que têm surgido algumas mudanças na técnica analítica. Que mudanças?, perguntarão. Pois bem, todas aquelas que apagam o analista do seu lugar e dão lugar ao médico. Obviamente, essa forma de dizer metaforiza a transformação do analista imaginário, projetado pela transferência do analisando, em um senhor que sabe aquilo que é adequado para o paciente, ou seja, ao mesmo tempo, também o lugar do analisando desaparece para dar seu posto ao paciente.

Também o que muda nesse “em que nos muda” evoca Heráclito com suas famosas e conhecidas opiniões, como quando afirma: “O sol é diferente a cada dia, não é o mesmo”, ou,

a mais conhecida: “Não nos banhamos duas vezes no mesmo rio”, pois as águas nunca são as mesmas, mudam a cada instante. Essas belas considerações nos permitem expressar a ideia a seguir: ao levantar-se do divã, o analisando não deverá ser o mesmo que deitou minutos antes.

Acreditamos que trabalhar com esse compromisso em que cada sessão está dentro de um percurso analítico nos afasta dessa concretude de pensar um tratamento analítico como um todo. Ele será entendido assim, no entanto precisamos nos concentrar em cada encontro, de maneira que, ao se levantar do divã, o analisando seja outro, do mesmo modo como o rio nunca é o mesmo quando nos banhamos pela segunda vez.

Essa pequena digressão aponta para um tema pouco explorado em nosso cotidiano profissional, em que a presença do analista toma outra dimensão, talvez uma dimensão mais ética do que moral, em que o trabalho de análise não poderia ser postergado para a sessão do dia seguinte ou, como se dizia, em outros tempos – inclusive em seminários – que o transferido na sessão de hoje voltará na sessão de amanhã. Por sorte ou com uma melhor compreensão da teoria repetimos, sim, porém nunca a mesma cena. Ou como diz uma poesia da musicalidade de nossa gente criativa: “Sei que nada será como antes, amanhã” (Nascimento & Bastos).

Exposta a questão, precisamos agora trilhar o caminho da tradição, ou como prefere J. L. Borges, apoiado em Yeats, olhar para “a grande memória”. Ele pensava que todo escritor herdasse a memória de seus antepassados, isto é, do gênero humano (Borges, 1999). Partamos, portanto, de nossos conceitos clássicos para destacar algumas mudanças em nosso trabalho clínico, que poderiam significar concessões, e não ampliações dos mesmos, e com isso diluir nossos andaimes teóricos e técnicos.

### **Com um olho na tradição**

A terapia tem de ser conduzida na abstinência; não estou me referindo simplesmente à privação física, e tampouco à privação de tudo o que se deseja, pois provavelmente nenhum paciente suportaria isso. Quero estabelecer como princípio que devemos deixar que a necessidade e o anseio continuem a existir, no paciente, como forças impulsionadoras do trabalho e da mudança, e não procurar mitigá-los através de sucedâneos. E não poderíamos lhe dar senão sucedâneos, pois devido à sua condição ela não é capaz de verdadeira satisfação (Freud, 1915/2010a, pp. 218-219).

A colocação da abstinência é uma observação que direciona a uma conduta ética do analista. Pois a posição de abstinente do analista serve de mola propulsora para o avanço da análise, e essa observação é sumamente importante para a condução de uma análise. Parece claro, então, para onde aponta o conceito de abstinência. É uma posição do analista frente ao analisando, o qual procura desatender necessidades e desejos do analisando para que essas forças o impulsionem no caminho da cura. É uma operação do analista, que visa jogar o analisando nas profundezas de seu ser para, ele mesmo, responder às perguntas que veio solicitar ao psicanalista. Trata-se, portanto, de um princípio que norteia um processo analítico. Assim sendo, a abstinência envolve ou compromete o analista de forma absoluta, visto que cabe a ele aquilo que Lacan chamou “a direção da cura”.

Porém, um pouco mais tarde, em 1919, em “Caminhos da terapia analítica”, Freud volta a se expressar sobre a abstinência: “O tratamento analítico deve, tanto quanto possível,

ser conduzido na privação, na abstinência” (Freud, 1919/2010b, p. 285). No mesmo texto, recolhemos outro comentário de Freud:

Recusamo-nos decididamente a transformar em propriedade nossa o paciente que se entrega a nossas mãos em busca de auxílio, a conformar seu destino, impor-lhe nossos ideais e, com a soberba de um Criador, modelá-lo à nossa imagem, nisso encontrando prazer (p. 288).

Belíssima advertência, já que o poder que o analisando outorga ao analista é incensurável. E, como sabemos, todos queremos poder, e renunciá-lo não é uma tarefa fácil, que o diga o narcisismo nosso de cada dia. Portanto são demais as tentações narcísicas que nos enredam, e toda a atenção a essas pequenas coisas nunca é demais.

Acreditamos ser importante recorrermos ou re-colher esses comentários tecidos por Freud, o fundador, pois, hoje, nesse verdadeiro cipoal de operações teóricas e técnicas com as quais convivemos, podemos acender uma luz no fim do túnel dentro da dispersão que sofre nossa ciência. Entretanto, como renunciar ao poder que nos outorga o analisando? Que responda essa questão o narcisismo de cada qual.

Algumas palavras sobre neutralidade, palavra esta que nunca passou pelo vocabulário de Freud. Sim, o que passou por suas palavras foi a metáfora do cirurgião, em “Conselhos aos médicos”: “No tratamento analítico, tomem por modelo o cirurgião que deixa de lado todos seus afetos e ainda sua compaixão humana, e concentra suas forças espirituais em uma meta única: realizar uma operação o mais próxima possível das regras da arte” (Freud, 1912/1976d, p. 114).

Pensar em neutralidade quando o fundo da ação está ligado muito mais à arte não deixa de ser uma barbaridade. Além do que, como poderia haver neutralidade se já estamos jogando em um time determinado? Aqui presenciamos mais que uma dispersão de nossos conceitos, antes uma agressão, uma mutilação daquilo que Freud coloca em circulação para a posteridade. Esse aviltamento precisa ser denunciado com todas as letras. Cada vez que nos escondemos atrás de uma “neutralidade” como essa, proposta pelos papistas mais papistas que o próprio papa, estamos denegrindo nosso ofício.

Portanto cabe indagarmos o quanto dessas ideias ou princípios estamos seguindo em nosso tempo. Pois, como diz um colega e amigo, vivemos a época do “não seja impotente, tome Viagra, não seja deprimido, tome Prozac, não seja hiperativo, tome Ritalina e também sintá dor, utilize toda a gama de analgésicos disponível no mercado”.

A ciência, por meio da tecnologia, possibilita que nossa farmacologia atual produza todos esses produtos. Eles cobrem todo e qualquer buraco da subjetividade nos nossos dias. Cada momento histórico produz o ópio da ocasião para enclausurar as fissuras do homem em cada momento da história. Sabemos que não contamos com recursos tecnológicos, nosso instrumento é a palavra, a abstinência e a arte do bem dizer, antes da malfadada neutralidade. A questão persiste visto que sabemos dessa aberração, entretanto, seguimos empregando a ideia da neutralidade como se fosse um conceito da psicanálise. Existe maior absurdo?

Voltamos outra vez ao pai da psicanálise para recolher outra postulação que nos parece oportuna, posto que, justamente, refere-se a concessões: “Mas não quis fazê-lo, porque prefiro evitar concessões à pusilanimidade. Nunca se sabe para onde conduz

esse caminho; primeiro cedemos nas palavras, e depois, pouco a pouco, também na coisa” (Freud, 1921/2011a, p. 45).

Resgatamos essa afirmação de “Psicologia das massas e análise do ego”. Se olharmos a história do movimento analítico até esse ano, constatam-se algumas deserções ou rupturas significativas, fruto de discordâncias teóricas ou técnicas na construção do edifício psicanalítico. Nessa perspectiva, a posição que Freud expressa nas palavras acima assume uma marcada importância, não apenas para a época, mas também para a atualidade.

### O valor da ausência

Em alguns lugares da obra freudiana poderemos registrar o papel da ausência na construção teórica do criador da psicanálise. Vamos percorrer algumas delas: começaremos com a “experiência de satisfação”, apresentada no “Projeto” (1895/1982) e na “Interpretação dos sonhos” (1900/1976a). Essa experiência narra o desvalimento do ser humano ao nascer, já que suas necessidades só podem ser supridas pelo auxiliar externo, ou melhor, um objeto auxiliar que vai realizar a chamada “ação específica” de aplacar as carências do recém-nascido. Ao regressar a fome, “nasce” o aparelho psíquico que vai alucinar toda a cena da “experiência de satisfação”, em que ele procura resolver a “*ananke*”, alucinando o objeto auxiliar ausente. No entanto, essa operação não resolve a fome do bebê, que somente se acalma com a presença do objeto nutriente real da mãe. Contudo, como essa segunda vez não se equipara à “primeira mamada”, fica constituída a função desejante, segundo Freud, que buscará, para toda a vida, repetir a primeira “experiência de satisfação” – jamais encontrada. Daí decorre o conceito de “objeto perdido” – nunca encontrado.

Em 1920, Freud escreve “Além do princípio do prazer” (1920/1976e), onde relata sua observação do jogo do carretel de seu netinho. Este, na ausência da mãe, brinca com um carretel, fazendo-o desaparecer e trazendo-o de volta. Em cada movimento ele pronunciava um vocábulo: FOR, para a ausência e DA para a presença. Esse brincar simbolizava a ausência e a presença da mãe. Segundo Lacan, estão aí constituídos os dois primeiros significantes. Se antes dissemos que a ausência do objeto auxiliar criou o aparelho psíquico, agora a não presença do objeto desenvolveu a linguagem. Não vamos insistir muito nesse construto teórico de Freud, não por ignorar a importância que todo psicanalista atribui a ele, apenas queremos, isso sim, destacar, outra vez, o grande papel da ausência na construção teórica da psicanálise fundacional, aquele que abriu os caminhos de um novo conhecimento.

Em “A negativa” pode-se ler: “Mas reconhecemos, como pré-condição para que se instaure o exame de realidade, a perda de objetos que um dia proporcionaram real satisfação” (Freud, 1925/2011b, p. 280). A tradução da *Amorroritu* fala em condição no lugar de pré-condição; seguramente isso não faz nenhuma diferença. O que importa é que o exame da realidade só pode se instalar com a perda de objetos que um dia, lá no começo da vida, foram fonte real de satisfação. Que objetos seriam esses senão os objetos primitivos? “Perder objetos” como condição significa não contar mais com sua presença, e outra vez sua ausência estará realizando um papel fundamental para quem deseja viver neste mundo, visto que ninguém sobreviverá sem o dispositivo “exame da realidade”. Essa ideia alimenta nossa tese do papel da ausência, ou, no mínimo, da importância da substituição daqueles objetos primitivos para que o homem possa crescer.

Essa colheita dos postulados freudianos, ou da “grande memória” como prefere Borges, ou ainda a tradição, como diz a convocação do congresso da Fepal, nos permitirão interrogar sobre a presença excessiva do analista na sala de análise, visto que a ausência motoriza a criatividade. O postulado lacaniano do tempo lógico poderia se encaixar nessa tese, sempre e quando considerarmos que a interrupção da sessão confere possibilidade ao analisando de prosseguir seu trabalho analítico na ausência física do analista, ou melhor, na sua presença simbólica.

### **A construção do enquadre**

Entrevistas, contrato e transferência seriam os organizadores do enquadre analítico. A entrevista é o encontro fundamental para uma análise acontecer ou não. Esse encontro exige do analista toda sua capacidade de escuta. Isso assume maior importância se considerarmos que hoje contamos com um amplo mosaico de ofertas contra a dor psíquica, estando na linha de frente a medicalização da psiquiatria. Além do que é comum, hoje mais do que nunca, encontrarmos um andarilho pelos consultórios analíticos, trazendo na bagagem, portanto, um caminhão de desilusões, expectativas frustrantes ou dores de amor.

Sempre que encontramos alguém sentado na poltrona defronte a nós pela primeira vez, devemos considerar que essa pessoa venceu muitas resistências até ali chegar. Precisamos imaginar que ela já quebrou paradigmas de conduta habitual, e a isso batizamos de uma “ruptura narcísica” (Francischelli, 2007). Os efeitos da ruptura se traduzem em uma fragmentação no sentimento de si, com repercussões no equilíbrio interno. É como uma força que explodiu na cabeça do sujeito e foi jogado no desamparo, que vinha sendo tamponado, até aquela data, pela ideia de que ele dispunha das rédeas do seu fazer. Ao perder suas referências, bate na porta de um analista para, através de sua voz, falar de seus sofrimentos ao outro, “ao grande outro”, diria Lacan. Essa é a marca do primeiro encontro. É o tempo da empatia pela dor do outro.

Como diz Piera Aulagnier: “Toda demanda de análise, salvo erro de destinatário, está apoiada por uma motivação a serviço de um desejo de vida, ou de um desejo de desejo, é ela que leva um sujeito ao analista” (citado por Francischelli, 2007, p. 35).

Essa demanda precisa encontrar um espaço na mente do analista para gerar transferências. Acreditamos que sem essas premissas mínimas uma análise não se estabelece. Nas entrevistas é o momento do analista trabalhar para colocar o tratamento no futuro analisando. Isso só não acontece se a resistência surgir no psicanalista em suas múltiplas faces, sendo a mais grave não ouvir uma clara demanda de análise. É o tempo de transformar o ofício impossível em possível.

Havendo gerado transferências, estamos em condições de celebrar o contrato. O tempo do contrato é um momento de delicadeza extrema porque é o momento que poderemos perder o poder das palavras por um deslize qualquer. Como a cura é atravessada pela palavra, a preservação do seu poder é tarefa do analista.

Se após o período das entrevistas o psicanalista indicar que a análise cursará quatro vezes por semana e depois, por distintas razões (econômicas, temporais), aceitar uma frequência menor, disso poderão decorrer problemas sérios. Por quê?, perguntarão. Porque geramos interrogantes no outro do tipo “por que” me indicou um caminho e pode ser

outro? Sempre que criamos no analisando interrogantes em nossas formalizações contratuais, de alguma forma estamos gerando dificuldades para a condução do tratamento. Entendemos que o lugar do “suposto saber” seja importante, mas talvez o mais fundamental seja comprometer o poder das palavras que se perderia por não sustentar, ironicamente, uma palavra dada.

É comum dizer que a cura em psicanálise é tributária da palavra. Pensamos que sim, mas com um acréscimo; a palavra em transferência. A palavra só opera se há transferência. Freud (1912/1976c) a encontra quando cessa o fluxo associativo do analisando. Surge, portanto, como uma resistência, pois as associações cessam no momento em que o analisando dirige sua atenção ao analista, quando sai do imaginário para ingressar no simbólico.

“É somente do lugar do Outro que o analista pode receber a investidura da transferência que o habilita a desempenhar seu papel legítimo no inconsciente do sujeito, e a tomar a palavra em intervenções adequadas a uma dialética cuja particularidade essencial define-se pelo privado”, diz Lacan (1957/1998a, p. 456). Somente podemos tomar a palavra quando depositário das investidas transferências do analisando. Seguimos com Lacan: “Qualquer outro lugar, para o analista, o reduz a uma relação dual que não tem outra saída que a dialética de desconhecimento, denegação e alienação narcísica que, em todos os ecos de sua obra, Freud martela como sendo própria do eu” (1957/1998a, p. 456).

Em outras palavras, se na sala de análise não estiver presente o grande outro, isto é, o simbólico, a relação analista/analisando será dominada pelo campo narcísico, e este dominado pelo imaginário, sem a presença da triangulação edípica. Perguntamos: não é muito disso, do dual, que assistimos hoje em nossos debates clínicos?

Para saber o que é a transferência, é preciso saber o que acontece na análise. Para saber o que acontece na análise, é preciso saber de onde vem a fala. Para saber o que é a resistência, é preciso saber o que encobre o advento da fala: e isso não é uma dada disposição individual, mas uma interposição imaginária que ultrapassa a individualidade do sujeito, na medida em que estrutura sua individualização específica na relação dual (Lacan, 1957/1998b, pp. 463-464).

Portanto, a relação dual sempre acontecerá no campo imaginário, e se ela não passar pelo simbólico, isto é, pela castração, será sempre sugestão.

E podemos dizer que, ao insistir em que a análise da neurose fosse sempre conduzida ao nó do Édipo, ele não almejou outra coisa senão garantir o imaginário em sua concatenação simbólica, pois a ordem simbólica exige pelo menos três termos, o que impõe ao analista não esquecer o Outro presente entre os dois que, pelo fato de estarem ali, não envolvem aquele que fala (Lacan, 1998b/1957, p. 466).

Assim é o campo da transferência e seus enredos. Lugar onde o analista deveria fugir sempre da posição dual para se colocar no lugar do Outro, base da operação simbólica, lugar do nó edípico. E, como salienta Freud: “O progresso do trabalho analítico tem destacado com traços cada vez mais nítidos esta importância do complexo de Édipo; seu reconhecimento passou a ser o “*shibboleth*” que separa os partidários da análise de seus opositores” (Freud, 1915/1976d, p. 206).

O enquadre analítico é um espaço único. É o lugar onde o sujeito pode intimar consigo mesmo na presença de outro, ou melhor, do grande Outro. É o espaço da liberdade: ali não há censura, não há julgamento e não há opinião. Tampouco pedagogia ou aconselhamento. Ali vinga a associação livre, ou seja, a palavra. Também é onde reina a orelha da atenção flutuante. Dialética de forças em que as palavras carregam histórias traumáticas, histórias edípicas, carregadas de pensamentos incestuosos: o universo pulsional em ação. Ali, simplicidade e eficácia são as credências de um dispositivo para soltar as amarras das neuroses, perversões e psicoses. Libertar os afetos retidos em lutos não transitados e outros afetos que aprisionam a alma, estabelecendo um vínculo com a finitude, marca da castração freudiana. Nessa dinâmica energética e emocional torna-se factível observar a simetria fazendo coro com a assimetria e a abstinência dançando com a arte de curar.

### **Vozes atuais**

A psicanálise está então em crise, não somente pelos ataques do mundo exterior, mas pelo fato de graves falhas em sua própria estrutura. Sempre ligada à psiquiatria e à psicologia e excluindo sistematicamente, em um significativo número de países, outros membros da formação de futuros psicanalistas, sustentando conflito de interesses entre a psicanálise e as disciplinas de origem que deixam a primeira sem adequada e independente direção profissional, entregue a uma política sectária que erode a crença que a própria profissão possa ter em si, enquanto tal muitas vezes dominada por oligarquias antidemocráticas chamadas analistas formadores que decretam seguidamente os dogmas e que se opõem ao acesso de um leque mais amplo de idéias no campo da psicanálise, o movimento psicanalítico está prestes a fazer desaparecer a psicanálise (Bollas, 2001/2003, pp. 287-288).

É uma afirmação muito forte, porque decreta que o veneno mortífero vem de dentro e não de fora do movimento, como se fosse uma pulsão de morte atuando no interior do corpo psicanalítico. O que diria hoje Bollas, passados dez anos dessas afirmações?

Por seu lado, André Green (2001/2003), organizador dos textos da revista, postula:

Falta-nos espaço para mostrar a coerência da dispersão da obra freudiana, mas nela está, realmente, um sinal de que quase não há mais consenso sobre o entendimento psicanalítico. Tal dispersão merece ser estudada detalhadamente e não só do ponto de vista histórico; ela se justifica, em parte, pela modificação da população de analisandos, mas se baseia em opções axiomáticas divergentes (p. 325).

Em outro momento, ele comenta:

O objetivo principal deste é o descobrimento mais profundo possível dos processos intrapsíquicos inconscientes, através do que revelam as associações livres do paciente e a atenção igualmente flutuante no analista. Em realidade, as dimensões intrapsíquicas e intersubjetiva se combinam no enfoque psicanalítico. É evidente que não todas as técnicas baseadas na observação podem responder a esta exigência. Além do que, intersubjetivo não quer dizer interpessoal nem interativo. Trata-se da relação de dois sujeitos, o que implica uma definição do que é um sujeito. Tal

definição quase sempre é desestimada ou se oculta. Este mal entendido também está no centro do que chamamos “crises do entendimento psicanalítico”. Favorece, no seio da psicanálise, o desenvolvimento de formas de pensamento muito distantes daquelas que os descobrimentos de Freud permitiram elaborar como concepção original do psiquismo, pois a evolução atual se produz mais em proveito de uma psicologia pseudopsicanalítica (Green, 2002/2010, p. 325).

Talvez um depoimento de Green bastasse por sua contundência. Contudo, é importante considerar a temporalidade dessas manifestações, pois, pelas edições originais, uma está muito próxima da outra. A primeira é de 2001, e a segunda é de 2002. Talvez o importante seja marcar que a opinião de Green não sofreu nenhum abalo, ao contrário, consolidou-se. Esses autores, de reconhecida significação dentro do campo da psicanálise, propõem questões urticantes para todo psicanalista. Vejamos: Bollas comenta que “o movimento psicanalítico está prestes a fazer desaparecer a psicanálise” (2001/2003, p. 287), enquanto Green fala-nos da “dispersão da obra freudiana” ou da “psicologia pseudopsicanalítica”. Obviamente, palavras funestas.

Todo aquele que construiu uma longa trajetória dentro da psicanálise não teria como discordar de que há muitas verdades naquilo que esses teóricos do nosso tempo afirmam, pois cada um teria uma história para contar sobre alguma barbaridade cometida em nome da psicanálise, ou como estamos tratando de colocar em circulação a discussão sobre a excessiva presença do psicanalista frente ao seu analisando. Se a psiquiatria sofreu nos últimos anos uma medicalização impressionante, como é possível observar, poderíamos nos atrever a formular a ideia de que o psicanalista vem perdendo seu pensamento analítico e regressando a formas antigas de pensar, seja médico ou psicólogo, para melhor nutrir seu narcisismo.

Pensamos que o aporte de Césio sobre o mal-estar que nos acossa poderia lançar alguma luz sobre essa problemática:

Parece que, ao estilo do que se passou com Édipo, muitos analistas, tocados pela culpa trágica, quando em sua investigação se aproximam à concretização dos fundamentos incestuosos nos quais são protagonistas sem saber, horrorizados, culpados, ameaçados pelo castigo de seu “crime”, fogem, refugiando-se em técnicas substitutas, nas quais são omitidas a análise das transferências incestuosas, acreditando que assim se salvam do encontro com a vivência trágica. Uma solução suicida, porquanto significa a “morte” da psicanálise como tal. O campo analítico, tão trabalhosamente cultivado, assim como aconteceu com Tebas, fica então dominado pela peste (Césio, 2010, p. 471).

Se admitirmos que a sala de análise é a sala do incesto, onde o incesto está materializado no campo da fantasia, ou seja, no terreno imaginário, as colocações de Césio tomam corpo e dizem das causas internas da peste no universo psicanalítico. E mais: se o divã e a poltrona configuram a cena incestuosa, muito mais delicado é o lugar do analista, pois se ele se configura como pessoa física, fugindo do espaço imaginário que domina o cenário analítico, em lugar de se situar como terceiro, como representante do simbólico, estaria sucumbindo à culpa trágica? Seria isso também a causa que promove a transformação do psicanalista que postulamos acima?

## Discussão final

No último Congresso Brasileiro de Psiquiatria, Eric Kandel, Prêmio Nobel de Medicina em 2000, entre outras afirmações importantes, disse, em uma entrevista publicada no *Jornal Zero Hora* em 12 de novembro de 2011, respondendo a uma pergunta da repórter:

A psicanálise está em crise porque ela não se autoinvestiga. Se a gente falar sobre comportamento cognitivo, há, sim, estudos, mas para por aí. Diante da neurociência, psicanálise e psicologia vão desaparecer. Freud será sempre lido, assim como Shakespeare ou mesmo Nietzsche. Só que se os analistas querem desenvolver para o século XXI, terão que investir no campo científico, descobrir como a mente funciona, sob quais circunstâncias, quais as melhores terapias para os diversos tipos de pessoas (Meimes, 2011, p. 8).

Será que Kandel também foi acometido pela culpa trágica? Não acredito. Pensamos, melhor, que está sob os efeitos da ciência dura, da qual Freud se afastou há mais de um século. Ainda do campo da neurociência, contamos com outra pedra preciosa: o “neurônio-espelho”.

Apenas como exemplo, cabe conjecturar que a pesquisa neurocientífica sobre os neurônios-espelho possa vir a fornecer uma nova base científica para a compreensão dos processos de empatia e identificação e talvez, em um futuro próximo, contribuir para melhor fundamentar a indicação do uso da poltrona ou divã, em psicoterapia ou psicanálise (Lago, 2010, p. 12).

Sem sombra de dúvida, são afirmações contundentes e surgem no pensamento e na voz de reconhecidos cientistas, como Kandel, agraciado com um Prêmio Nobel. Se nos fosse permitido empregar uma linguagem do campo boxístico, talvez pudéssemos dizer que são golpes muito duros de suportar, pois é como se tirassem o fôlego da gente.

Essas categóricas observações fazem lembrar uma antiga canção, consagrada na Argentina, “Balderrama” de Manuel José Castilla e Cuchi Leguizamón, que diz: “se perdemos Balderama, onde iremos parar?”. Ou ainda, como diz nosso Drummond de Andrade (1991, pp. 20-22): “E agora, José? A festa acabou...”. Se perdermos a identificação e também a empatia como fundamentos da subjetividade, onde alojar nossas ideias, nossas teses, tão significativas, como a própria identificação? Se acaso isso vier a acontecer, nosso edifício teórico cairá nas mãos dos nossos algozes da ciência dura. Pensamos que, em um primeiro momento, podemos perder o fôlego, porém não devemos perder nosso sono por essas afirmações que nascem de nossa coirmã, a ciência da objetividade. Como dissemos acima, Freud abandonou essa rota já na “Interpretação dos sonhos”, quando percebe que, para ingressar no âmago dos sonhos, foi necessário buscar inspiração em seus intérpretes populares, ou até mesmo na bíblia, tomando José como interprete de um sonho importante do faraó, e não nos almanaques científicos, para a construção da ciência conjectural, como a denomina Lacan.

E ela continuará seu caminho. Como disse Amós Oz em uma recente entrevista ao jornal *Estado de São Paulo*: “O isolamento está cobrando um preço pesado à psique israelense”. Por outro lado, Walter Benjamin sustenta em *Experiência e pobreza* que “A felicidade não está no ouro, mas no trabalho” (1933/1994, p. 114). Ficaremos com o ouro, nós, os psicanalistas? Vamos arregaçar as mangas e vamos ao encontro dos desafios do século XXI?

Se olharmos para o nosso planeta, com sete bilhões de semelhantes, talvez possa faltar ouro, porém trabalho, seguramente, não faltará. Essa multidão de povos, isolada dentro de sua particular solidão, por si só vai exigir dos responsáveis pela saúde psíquica desse povaréu uma psicanálise atuante.

Se quem sabe dos dramas e das vicissitudes da alma como Amós Oz, que afirma que o isolamento cobra um preço pesado à psique de cada um, a psicanálise não pode cruzar seus braços e ficar em uma posição passiva. Ao contrário, deve colocar a sala de análise no mundo, colocar seu bloco na rua e dizer a que veio, assim como já o faz há mais de cem anos.

Em nossa abertura também lembramos Benjamin (1993/1994), e cabe agora entender que “miséria” é essa que nasceu com o “monstruoso desenvolvimento da técnica”, nos tempos da “modernidade líquida”, como nos ensina Bauman (2004/2005), e não mais “pós-modernidade”, como ainda insistem alguns. Imaginamos que seria a miséria do pensamento, a miséria da solidão, na medida em que os “confortos” aportados pelas novas tecnologias “engordam” o homem contemporâneo, limitando sua capacidade criativa e pensante. Ou seria a miséria do capitalismo sem fronteiras, que concentra cada vez mais a riqueza nas mãos de poucos, que nos engloba nesse mundo sem fronteiras, mas nos isolando um dos outros, trabalhando a objetividade alienante em lugar da solidariedade?

Essa cultura da patologização dos vínculos não poderá prescindir da psicanálise. Não poderá sobreviver sem o pensamento psicanalítico. A não ser que o canto das sereias, transvestidas com as roupas modernas das neurociências atraíam a psicanálise para as profundezas do mar e decretem sua morte. É verdade que muitos serão fígados por esse tão cativante canto e cantarão os versos dos neurônios-espelho, contudo, a psicanálise, como um todo, fará como Ulisses e não sucumbirá às doces vozes da ciência dura.

Fala-se da missão impossível de ser psicanalista. Por sorte, Freud colocou outras duas: educar e politizar. Dissemos, por sorte, porque senão já ocuparíamos um lugar único, privilegiado, sem comparação com outros ofícios. Por outro lado, as três condições estão presentes na instituição psicanalítica: psicanalisar, no processo da análise pessoal do aspirante a analista, educar, que está presente na formação teórica do candidato, e a política, que é o caldo quente da instituição como um todo. As ideias que recolhemos de Bollas falam muito dessa trama e de seus efeitos em nossas sociedades. Talvez pudéssemos acrescentar às observações de Césio as dificuldades que advêm dessa trilogia de impossíveis.

Por tudo isso, dizíamos acima que a psicanálise precisa de muita implicação social. Acreditamos que ela não pode permanecer ausente nos grandes debates sobre saúde psíquica do país. Esperar-se-ia uma maior participação dos psicanalistas, ou seja, da psicanálise, nos debates nacionais sobre as doenças da mente que acomete nossa gente. Assim como na educação e na política em geral. Com essa massa cinzenta tão qualificada, como ficar em silêncio diante de tantos apelos da realidade?

Se ignorarmos tudo isso, não “seria o mesmo que fazer subir um espírito do mundo subterrâneo, com engenhosos empenhos, para enviá-los de novo lá embaixo, sem inquirir-lhes nada. Teríamos chamado o reprimido à consciência, só para reprimi-lo de novo, presos de terror” (Freud, 1915/1976d, p. 167). É mais que óbvio que esse universo de carências chega até nossa consciência, logo, não poderíamos refutá-lo. Essa práxis com o laço social, sem dúvida, ventilaria nossa clínica.

Voltamos, outra vez, para o tema da abstinência. Mas o modelo da abstinência, como comenta Tanis (2001) em seu trabalho apresentado no último Congresso Brasileiro de Psicanálise, cobra novas formas com ideias como *holding*, manejo, *revêrie*. Daí deriva a urgência de uma reflexão em torno da ética na clínica atual, pelas transformações ocorridas do lugar do analista. Nesse contexto, o desejo do analista, que representa o contraponto com o conceito de contratransferência, precisa ser colocado em circulação para uma melhor avaliação do lugar do analista nos tempos atuais.

Assim sendo, além de estarmos de acordo com Tanis, porque ele coloca o ponto no lugar certo, ou seja, as “transformações do lugar do analista” na clínica do século XXI, é que achamos que se impõe uma profunda discussão sobre essa temática, como estamos tratando de fazê-lo neste ensaio entre os colegas preocupados com o desenvolvimento acelerado de mudanças em nosso fazer clínico

Falamos muito sobre a transferência. Contudo, seria o momento de considerar a contratransferência, particularmente, dentro das funções de *holding* e *revêrie*, entre outras, pois é nesses lugares que a presença do analista assume proporções inquietantes, ou, em outras palavras, a função da ausência é muito pouco exercida, posto que tudo passa pelas identificações projetivas do analisando, e, através da contratransferência, o analista traduz afetos e pensamentos para o analisando. O importante aqui seria considerar se não estamos realizando uma relação dual, como comentamos anteriormente, em que o simbólico não entra justamente para cortar a dualidade, ou em outros termos, terceirizar a relação.

Por tudo isso, a ética em psicanálise toma cada vez mais corpo. “A ética, teríamos que concebê-la então como um ensaio terapêutico, como um empenho de alcançar por ordem do Supereu o que até esse momento o restante do trabalho cultural não havia conseguido” (Freud, 1930/1976f, p. 137). Texto que pode ser interpretado a partir de distintas modalidades, contudo, nós acreditamos que Freud se refira aos processos de castração não bem sedimentados até aquele momento no sujeito que procura uma análise.

Exercer a castração do analisando, então, seria a função fundamental do analista. O fim de uma análise não nasce no analisando enquanto ele não viver uma intensa ameaça de castração em seu processo analítico. Por isso mesmo, o fim de uma análise quem decreta é o analisando, e não o analista. Agora, isso, só se o processo analítico possibilitou a vivência, no analisando, de uma verdadeira ameaça de castração.

Freud ainda nos apresenta outra dimensão da ética: “Eu opino que enquanto a virtude não seja recompensada já sobre a terra, em vão se predicará uma ética” (1930/1976f, p. 138).

De que virtude se trata? E quem deve recompensá-la? Pensamos que a virtude passa pelo trabalho do analista no sentido de marcar a falta no analisando, sem ocupar um lugar outro que aquele que marca a finitude daquele que ocupa o divã. E este é aquele que fará a recompensa, dizendo ao analista, de alguma maneira, que ele desempenhou seu papel ético por haver sempre fugido do lugar de senhor. Ao contrário, por haver permitido que o ser rompesse com os excessos do mármore patológico que o aprisionavam, impedindo o ser de ser ele mesmo.

Muito bem, como nos exorta Pontalis: “Mais um esforço, camaradas!” (2001/2003, p. 378).

### **Psicoanalizar hoy – algunas reflexiones**

**Resumen:** El autor busca, en seis pequeños capítulos, diseñar una visión personal sobre el acto de psicoanalizar en la actualidad. Parte de algunos conceptos básicos de Freud como la “Abstinencia” y también de la “metáfora del cirujano”, en la cual no es la naturalidad la que está en juego, sino el arte de curar. Además de estos conceptos fundacionales del psicoanálisis, el trabajo destaca dos momentos de la construcción teórica de Freud, en los que el papel de la ausencia del objeto ocupa un lugar fundamental en el desarrollo del aparato psíquico del hombre. Se refiere a “la experiencia de la satisfacción” y al “juego del carrete”, en los cuales, la no presencia del objeto estimula el crecimiento del imaginario y del lenguaje respectivamente. También esboza una construcción del marco, destacando el papel de las entrevistas, contrato y transferencia, como los operadores fundamentales para colocar a alguien en un viaje analítico. En relación a la transferencia, se apoya en Lacan para, justamente, discutir la presencia excesiva del analista en la sala de análisis, generado la llamada transferencia dual, es decir, el trabajo analítico operando solamente en el campo imaginario. El autor cree que esa técnica bloquearía la triangulación en la sesión analítica y, en la concepción tanto freudiana como lacaniana, el complejo de Edipo y su correlato, el complejo de castración, son presencias imprescindibles para la cura. Por último, expone aquello que podría llamar como cuestión dialéctica, entre los partidarios del campo de la ciencia dura, representado por las neurociencias y aquellos que se oponen a ese determinismo neurobiológico. El texto lleva a una discusión profunda, toda la problemática que envuelve a las neurociencias y al psicoanálisis, pues, según afirma el trabajo, ambas son, en alguna medida, incompatibles, o mejor, son como el agua y el aceite: conviven, pero la mezcla no ocurre.

**Palabras clave:** abstinencia; reglas del arte; ausencia; marco; presencia; movimiento; dispersión; plaga.

### **Psychoanalyzing today – some reflections**

**Abstract:** The author seeks, through six short chapters, to draw a personal vision on the act of psychoanalyzing today. He takes some basic Freudian concepts, such as “abstinence” and also “surgeon metaphor”, in which it is not neutrality which is at play, but the art of curing. Besides these founding concepts of psychoanalysis, the paper emphasizes two moments of Freud’s theoretic construction, in which the role of the absence of the object occupies a fundamental place in the development of man’s psychic apparatus. There is the mention of the “satisfaction experience” and the “reel game”, in which the lack of presence of the object stimulates the growth of the imagination and of the language, respectively. The work also drafts the building of the frame, highlighting the role of interviews, contract and transference as the operators needed to lead someone to an analytic journey. In relation to transference, the paper bases itself in Lacan essentially to discuss the excessive presence of the analyst in the space of analysis, generating what is called the dual transference, in other words, the analytic work operating solely in the field of the imaginary. The author believes that this technique would block triangulation in the analytic frame and, in Freud’s conception as much as Lacan’s, the Oedipus Complex and its correlate, the complex of castration, are indispensable presences for the cure. Finally, the author brings what could be called a dialectic matter, between the followers of the field of hard science, represented by the neurosciences and those which are opposed to this neurobiological determinism. The text leads to a deep discussion on the matters that involve neurosciences and psychoanalysis, for, as the work affirms, both are, to a certain point, incompatible. They are like water and oil: they coexist, but a mixture does not occur.

**Keywords:** abstinence; rules of art; absence; presence frame; movement; dispersion; pest.

### **Referências**

- Andrade, C. D. (1991) José. In: *Antologia poética*. (pp. 20-22) Rio de Janeiro: Record.
- Bauman, Z. (2005). *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 2004)

- Benjamin, W. (1994). *Experiência e pobreza*. São Paulo: Brasiliense. (Trabalho original publicado em 1933)
- Bollas, C. (2003). *Psicanálise contemporânea: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001* (Green, A.; Org., Cabral, A.; Trad., Sandler, P. C., Coord. Trad., pp. 286-288). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP. Departamento de Publicações. (Trabalho original publicado em 2001)
- Borges, J. L. (1999). *Reencuentro: dialogos ineditos*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- Cesio, F. (2010). *Actual neurosis*. Buenos Aires: Editorial La Peste.
- Francischelli, L. A. (2007). *Amanhã psicanálise: o trabalho de colocar o tratamento no paciente*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud, S. (1976a). *La interpretación de los sueños*. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Salomão, J. Trad.) (Vol. 5). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1900)
- Freud, S. (1976b). Tres ensayos de teoría sexual. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Salomão, J. Trad.) (Vol. 7). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1905)
- Freud, S. (1976c). Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Salomão, J. Trad.) (Vol. 12). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1976d). Pontualizaciones sobre el amor de transferencia. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Salomão, J. Trad.) (Vol. 14). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1976e). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Salomão, J. Trad.) (Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1976f). El mal estar en la cultura. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Salomão, J. Trad.) (Vol. 21). (Trabalho original publicado em 1930)
- Freud, S. (1982). *Proyecto de psicología*. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Salomão, J. Trad.) (Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Freud, S. (2010a). *Observações sobre o amor de transferência*. (Vol. 10). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (2010b). *Caminhos da terapia psicanalítica*. (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919)
- Freud, S. (2011a). *Psicologia das massas e análise do eu*. (Vol. 15). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1921)
- Freud, S. (2011b). *A negação*. (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Green, A. (2003) *Psicanálise contemporânea: Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001* (Green, A.; Org., Cabral, A.; Trad., Sandler, P. C., Coord. Trad., p. 486). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP. Departamento de Publicações. (Trabalho original publicado em 2001)
- Green, A. (2010). *O pensamento clínico*. Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 2002)
- Lacan, J. (1998a). A psicanálise e seu ensino. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998b). Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lasch, C. (1979). *The Culture of Narcissim*. Nova York: Warner Barnes Books.
- Lago, P. (2010, julho) Entrevista: Neurociência e psicodinâmica: desenvolvimento e integração. *Jornal centro de estudos Luis Guedes*, 21(67), p. 12.
- Marx & Engels. (2003). *Manifesto do partido comunista*. Florestan Fernandes (Org). São Paulo: Editora Ática. (Trabalho original publicado em 1848)
- Meimes, L. (2011, 12 de novembro). A memória é o sentido da vida. Entrevista com Eric Kandel. *Jornal Zero Hora*, p. 8.

- Melman, C. (2006). *Retorno a Schreber*. Porto Alegre: CMC. (Trabalho original publicado em 1999)
- Nascimento, M.; & Bastos, R. Música “Nada será como antes”. Ed. Nascimento. Emi Songs. Três Pontas.
- Oz, Amós. (2012, 27 de fevereiro). *Jornal O Estado de São Paulo*.
- Pontalis, J. B. (2003) *Psicanálise contemporânea Revista Francesa de Psicanálise: número especial, 2001 /* (Green, A.; Org., Cabral, A.; Trad., Sandler, P. C., Coord. Trad., p. 378). Rio de Janeiro: Imago; São Paulo: SBPSP. Departamento de Publicações. (Trabalho original publicado em 2001)
- Tanis, B. (2001). Desejo, poder, transgressão: Porque quem entende desorganiza. *XXIII Congresso Brasileiro de Psicanálise*, Ribeirão Preto.
- Viñar, M. (2011) *Conferência em Porto Alegre*, Brasil.

[Recebido em 01/02/2012, aceito em 29/02/2012]

Leonardo A. Francischelli  
[Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre SBPDEPA]  
Rua Tobias da Silva, 267/206  
90570-020 Porto Alegre, RS  
Tel.: 51 3346-2010  
leofrancischelli@yahoo.com.br